

PATRIMÓNIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA CIÊNCIA E ARTE

COORDENAÇÃO
MARTA C. LOURENÇO
MARIA JOÃO NETO



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**



PATRIMÓNIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Ciência e Arte

COORDENAÇÃO:
Marta C. Lourenço
Maria João Neto

LISBOA:
Tinta-da-china
MMXI

Com o apoio de:



Agradecimentos:

Arquivo da Secretaria-Geral do Ministério da Educação, Arquivo Municipal de Lisboa, Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Cúria Diocesana de Lisboa, Divisão de Documentação Fotográfica do Instituto dos Museus e da Conservação, Estádio Universitário de Lisboa, Faculdade de Belas Artes (UL), Faculdade de Ciências (UL), Faculdade de Farmácia (UL), Faculdade de Letras (UL), Faculdade de Direito (UL), Faculdade de Medicina (UL), Faculdade de Medicina Dentária (UL), Faculdade de Psicologia (UL), Gabinete de Estudos Olisiponenses, Igreja de São Mamede, Instituto Bacte-

riológico Câmara Pestana (UL), Instituto de Ciências Sociais (UL), Instituto D. Luiz (UL), Instituto de Educação (UL), Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (UL), Instituto de Orientação Profissional (UL), João Sotomayor, Marc Heller, Metropolitano de Lisboa, Museu de Ciência (UL), Museu Nacional de História Natural (UL), Nina Szielasko, Observatório Astronómico de Lisboa (UL), Raúl Hestnes Ferreira, Reitoria da Universidade de Lisboa, Serviços de Acção Social da Universidade de Lisboa, 4SEE Photographers.

© 2011, Universidade de Lisboa
e Edições Tinta-da-china
Rua João de Freitas Branco, 35 A
1500-627 Lisboa
Tels.: 217269028/9 | Fax: 217269030
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

TÍTULO: *Património da Universidade de Lisboa —
Ciência e Arte*

COORDENAÇÃO: Marta C. Lourenço e Maria João Neto
AUTORES: AAVV
FOTOGRAFIA: José Nuno Lamas
TRATAMENTO DE IMAGEM: Mário Ambrózio
LEGENDAS E NOTAS: Ana Mehnert Pascoal

REVISÃO: Edições Tinta-da-china
CAPA E COMPOSIÇÃO: Edições Tinta-da-china, sobre fotografias do
Novo Laboratório dos Cursos, IBCP (capa)
e Diplomas de Direito, Reitoria da UL (contracapa)

1.ª EDIÇÃO: Março de 2011
ISBN: 978-989-671-079-8
DEPÓSITO LEGAL: 324870/11

Índice

Introdução

O património da Universidade de Lisboa:
património do conhecimento 7
Marta C. Lourenço, Maria João Neto

Museus

O Museu Nacional
de História Natural 17
Liliana Póvoas, César L. Lopes, Ireneia Melo, Ana I. Correia,
M. Judite Alves, Hugo Cardoso, A. M. Galopim de Carvalho
O Museu de Ciência 35
Marta C. Lourenço
Ana Maria Eiró
O projecto do Museu de Medicina,
Faculdade de Medicina 55
Manuel Valente Alves
Breve nota sobre os museus perdidos
da Universidade de Lisboa 67
Marta C. Lourenço, Catarina Teixeira

Arquivos Históricos

Arquivos históricos da Universidade de Lisboa:
breve abordagem 79
Marta Nogueira

Património Científico Integrado

Observatório Astronómico de Lisboa:
um observatório nacional na universidade 97
Pedro M. P. Raposo
O Observatório Astronómico
da Escola Politécnica de Lisboa, 1875-1911 107
Luís Miguel Carolino
O 'Laboratório Chimico' da Escola Politécnica
de Lisboa, 1837-1890 121
Vanda Leitão, Ana Carneiro
O Instituto Bacteriológico:
espaço, instrumentos e memória
da medicina laboratorial 137
José Pedro Sousa Dias

Património Artístico e Arquitectónico

O património artístico
da Faculdade de Belas-Artes:
o edifício e as suas memórias, as colecções,
o arquivo, os legados, um projecto de museu 157

Fernando António Baptista Pereira

Cidade Universitária:
ciência, espaço e função 173

Maria João Neto, Ana Mehnert Pascoal

Cidade Universitária:
um programa decorativo integrado 195

Clara Moura Soares, Ana Mehnert Pascoal

O selo da Universidade de Lisboa 215

Maria João Bonina Grilo

Património artístico da Universidade de Lisboa, entre saberes e afectos:
estudo, salvaguarda e divulgação de um conjunto monumental ímpar 227

Vítor Serrão

Directório de Colecções 243

Compilado por Catarina Teixeira e Ana Mehnert Pascoal

Abstracts 277

Notas sobre os Autores 283

O projecto do Museu de Medicina, Faculdade de Medicina

MANUEL VALENTE ALVES



DE CORPORA HUMANI
PRIMVS, IIS QVAE VNIVER
sullinent ac suffulciant, quibusq; omni
& adnascuntur, dedicatus.

QVID OS, QVISQVE OSSIV
& differentia. Caput 1.

*QVI A primis hae Caput omnium pariter a illis est communi, nisi un
tis, neq; etiam hae ratione utitur, sibi unum ut peculiarium, nisi quo forte emere, p
gendu, que singulorum ossium Caput necesse est adhibeantur, quibusq; un
textu, cum magis eorumdem monumentis, ad primis huius libri calorem exprimitur.
re, neclita parum concluderet, quid enim eodem sibi, similes figura passim essent ut
gias occuparent, quod, statim in de Lectura in totum opere tenent, spectanda un
riva & caput ordine casum ante feram lectent expendendo, inlustri & studio n*



SCAETERARVM ha
maximè est terreum, ac pi
mum & durissimum. Eius c
menti summus rerum opifex
tiam meritò efformavit, corp
fundamèti instar subiciendam
parietes & trabes in domibus, e
rijs pali, & in navibus carinae sim
lis praestant, id in hominis fabric
præbet substantia. Ossium siquide
boris nomine tanquã corporis fule
creantur: è quorum numero sunt til

& femorum ossa, & dorsi vertebrae, ac omni hinc ossium contextus. Ali
terquam quod sustinent, reliquis etiam partibus ueluti propugnacula, et
spina, & transuersi earundè processus, pectoris os, costae. Alia tendinibus p
cipua sui parte innata, laxoq; articulorum motui quodammodo præf
bori eleganter succurrentia, laxoq; articulorum motui quodammodo præf
Etia. Hac etenim occasione, patella in genu occurrit, ipsaq; pariter ossicula fe
simo femini à dissectione, patella in genu occurrit, ipsaq; pariter ossicula fe
dio, & quatuor reliquorum peritis asimilata secundo pollicis manus interno
ternodijs quinq; digitorum pedis, apponuntur. Dentes porro incidendis & con
fringendis & atterendis munitur, Capita quibus singula officio famulatur. Verùm
auditus instrumenti ossicula molliendisq; cibis priuatim cõducunt, perinde ac duo
cuiusq; ossis primarium peculiari usu, audiendi officio famulatur. Verùm
filius ostendit, quandoquidem in praesentia abundè sit, generatim illorum
ulùm recensere: quo (ut semel dicam) ossa fulcrorum modo uniuersam cor
poris molem sustinent, & ijs omnia adnascuntur & firmantur, & ab iisdem
suspenduntur, adeò sanè ut ex ossium usu aut officio, non alia quam modo serè
diximus, desumi possit illorù differentia. In magnitudine uerò ossa uariant,
quòd nonnulla quidem sint grandia, ut femur, tibiae os, humerus, & ossa facti
ossis lateribus utrinq; connexa: nonnulla autè parua existant, ut brachialis ossa,
dentes, & ossicula quae sesamo comparantur. Alia rursus ampla sunt, ut ossa fa
cri ossis

Differentia
magnitudinis
& figurae

Manuel Valente Alves
Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Página anterior: *De humani corporis fabrica* de Vesalius, impresso em 1555.

ORIGENS E MISSÃO DO PROJECTO DO MUSEU DE MEDICINA

A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), fundada em 1911 e localizada desde 1956 no Hospital de Santa Maria (lado poente da Cidade Universitária), possui um valioso património histórico-cultural, constituído por uma vastíssima colecção de peças de cariz técnico-científico e objectos de arte dispersos pelas várias unidades que a constituem. Algumas destas peças são provenientes da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, nascida em 1836.

Considerando a necessidade de preservar e dinamizar todo este património, a direcção da Faculdade decide reorganizar, em Setembro de 2003, o seu Núcleo Museológico, o primeiro passo para a criação do Museu de Medicina. Nesse ano é redefinido o Núcleo Museológico e, no ano seguinte, é apresentado em cerimónia pública o projecto do Museu de Medicina da FMUL, a instalar em espaços próprios e com pólos em diversas unidades da FMUL, no edifício comum e no Edifício Egas Moniz. Este projecto propõe uma gestão integrada e dinâmica das suas colecções. Em Fevereiro de 2005, a direcção da Faculdade homologa a transformação do Núcleo Museológico em Museu de Medicina, sendo-lhe atribuído espaço próprio provisório no edifício principal da Faculdade.

O projecto do Museu de Medicina baseia-se no conceito de transversalidade de saberes. Desde Hipócrates que a medicina é entendida como uma ciência e uma arte, «*a science of uncertainty and an art of probability*» [«uma ciência da incerteza e uma arte de probabilidade»], nas palavras de William Osler, pai da medicina clínica.¹ Com efeito, o juízo clínico faz-se conjugando a subjectividade dos sintomas transmitidos pelas pessoas com a objectividade dos dados fornecidos pelas máquinas e instrumentos de diagnóstico e monitorização de parâmetros

biológicos, cruzando dados qualitativos com dados quantitativos. «Por isso, faz sentido que o Museu de Medicina se organize com uma terceira via [entre o museu de arte e de ciência] que faça a ligação entre arte e ciências humanas, naturais e sociais.»²

A primeira exposição do Museu de Medicina decorreu no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, tendo tido uma invulgar afluência de público. Tal deveu-se, em parte, ao facto de este património ser ainda escassamente conhecido, mas também ao seu conceito inovador do ponto de vista curatorial, que permitiu articular criativamente ciência e arte, rigor científico e imaginação artística: «Peças de cariz técnico-científico — modelos anatómicos, preparações humanas, mecanismos e imagens médicas, instrumentos de medição e observação —, pertencentes aos institutos, laboratórios e clínicas universitárias da FMUL, cruzam-se e interagem com importantes obras de arte — pinturas, esculturas e peças de arte decorativa — da colecção do Museu Nacional de Arte Antiga.»³

Nos objectivos programáticos do Museu de Medicina, além da conservação e gestão do património, constam igualmente o ensino e a investigação, em especial da história da medicina e do pensamento médico: «Ao assumir a investigação museológica interdisciplinar como linha de orientação estruturante, o Museu de Medicina deverá prolongar e completar o ensino da Faculdade numa perspectiva interdisciplinar, integrando-se no currículo pré e pós-graduado da FMUL e de outras instituições nacionais e estrangeiras que se associem ao projecto.»⁴

As colecções da Faculdade de Medicina podem agrupar-se em vários núcleos: livros, desenhos, fotografias, radiografias, objectos tecnocientíficos, preparados humanos, modelos anatómicos, obras de arte e documentos vários. Dado que uma parte significativa das colecções ainda se encontra dispersa e por

organizar, apresenta-se aqui, a título exemplificativo, uma selecção de 15 artefactos de grande relevância e interesse. Estas peças, além de constituírem memórias vivas da história da FMUL, revelam, do ponto de vista formal, uma surpreendente capacidade de ligação com outros objectos e histórias, potenciando novas ideias e narrativas.

De humani corporis fabrica, de Andreas Vesalius

De humani corporis fabrica, da autoria do anatomista Andreas Vesalius (1514-1564), com ilustrações provavelmente do artista flamengo Stephan von Calcar, é o tratado fundador de anatomia moderna e um dos mais belos livros do mundo. A primeira edição data de 1543. Trata-se de um objecto em que tudo se articula maravilhosamente bem — as formas, os símbolos, as palavras —, um verdadeiro monumento da anatomia científica e do *design* gráfico.

A obra que a FMUL possui é uma segunda edição revista e publicada por Oporinus em 1555, proveniente da Escola Médico-Cirúrgica. Do ponto de vista científico, é talvez a mais importante, porque nela Vesalius põe pela primeira vez claramente em causa a tradição, demonstrando que, contrariamente às afirmações de Galeno, não existem poros interventriculares no coração, pelo que o sangue não pode passar do ventrículo esquerdo para o ventrículo direito através do septo. Estavam assim abertas as portas à descoberta da circulação por William Harvey (1578-1657), que, em 1628, publica *Exercitatio anatomica de motu cordis et sanguinis in animalibus*, o livro fundador da fisiologia moderna, onde demonstra que o coração funciona como uma bomba e o sistema circulatório como um circuito fechado.

Em Portugal, o ensino da anatomia moderna surge somente a partir da segunda metade do século XVIII, com Manuel Constâncio, que funda a Escola Portuguesa de Anatomia. Com efeito, foi principalmente a partir de 1764, altura em que ele substituiu o seu mestre, o francês Pierre Dufau, na regência da cadeira, que o ensino da anatomia se modernizou entre nós. Constâncio manteve-se no lugar durante mais de 40 anos (até 1806, ano da sua jubilação), tendo promovido durante esse largo tempo, com o apoio do Governo, a ida de alguns dos seus discípulos a Londres e Edimburgo para aprender as

técnicas cirúrgicas mais recentes. Criou assim uma notável escola de cirurgia em Lisboa, da qual saíram cirurgiões para a Universidade de Coimbra, reformada pelo Marquês de Pombal em 1772, para a escola de cirurgia do Porto e para as duas escolas médicas brasileiras criadas no início do século XIX no Rio de Janeiro e na Baía.

Microscópio utilizado por May Figueira



Microscópio do século XIX pertencente a May Figueira, introdutor da microscopia em Portugal.

No campo da microscopia, o século XIX caracterizou-se pelo aperfeiçoamento dos dispositivos ópticos, que produziram melhorias significativas na qualidade das imagens microscópicas e avanços no conhecimento ao nível da célula e dos microrganismos, como o demonstram a introdução da patologia celular por Virchow e a teoria microbiana das doenças por Pasteur. A empresa R. & J. Beck de Londres produziu em meados do século XIX alguns dos melhores microscópios desse tempo, como os primeiros microscópios binoculares, de que faz parte este exemplar, provavelmente adquirido por May Figueira (1829-1913), introdutor, com Costa Simões, em Coimbra, e Plácido da Costa, no Porto, da microscopia médica em Portugal.

Desenho anatómico



Desenho de anatomia artística feito no Instituto de Anatomia Normal sob orientação de Henrique de Vilhena (Foto: Nina Szielasko).

Fotografia anatómica



Fotografia científica realizada no Instituto de Anatomia Normal sob orientação de Henrique de Vilhena (Foto: Nina Szielasko).

Desenho infantil



Desenho infantil que integra projecto de investigação sobre psicopatologia infantil orientado por Victor Fontes (Foto: Nina Szielasko).

Henrique de Vilhena (1879-1958), discípulo do célebre anatomista José António Serrano, foi um dos membros da Geração Médica de 1911. No Instituto de Anatomia Normal, promoveu a investigação sobre anatomia antropológica, angiologia e miologia, que publicou nos *Arquivos de Anatomia e Antropologia* da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Além disso, reorganizou por completo a prática do ensino médico da anatomia, articulando-a com a da anatomia artística, de que também era professor, na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Os desenhos anatómicos da colecção, de que aqui se reproduz um exemplar, foram feitos pelos alunos de Belas-Artes. Muitas das fotografias, feitas por um gabinete de fotografia profissional, foram pintadas, provavelmente pelo próprio Henrique de Vilhena, para fins didácticos. Sucedeu-lhe na direcção do Instituto Victor Fontes (1893-1979), autor de trabalhos de investigação sobre psicopatologia infantil recorrendo ao estudo não só de desenhos de crianças normais, mas também das que apresentavam discrepância entre idade cronológica e idade mental. O magnífico desenho infantil aqui reproduzido integra esta colecção.

Modelo dinâmico de estrutura óssea do pé esquerdo

O modelo em madeira da estrutura óssea do pé aqui apresentado é da autoria do escultor Soares Branco (1925-), professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa que colaborou com o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina. Tal mostra as ligações estreitas entre as duas instituições, que partilhavam não só docentes mas também espaços de ensino e de criatividade.



Escultura de Soares Branco, professor da Escola de Belas Artes, destinada ao ensino médico de anatomia.

Embora destinando-se ao estudo e ensino da anatomia, esta peça, na sua escala 5:1, desproporcionada em relação ao pé humano, é algo paradoxal do ponto de vista científico, obrigando a olhá-la não apenas como um fragmento do corpo, mas como um todo, uma obra de arte, ao contrário do que acontece com os preparados humanos ou os modelos de cera anatómicos.

Polígrafo pertencente a Marck Athias

O polígrafo é um aparelho que possibilita o registo de fenómenos fisiológicos sobre uma folha de papel. Como o atrito da agulha com o papel é muito menor do que no sistema de papel fumado utilizado nos quimógrafos, o polígrafo permite um registo mais fidedigno dos fenómenos mais rápidos. Esta peça foi comprada provavelmente por Marck Athias (1875-1946) em 1911, altura em que foi fundado o Labo-



Polígrafo provavelmente adquirido por Marck Athias, fundador da medicina experimental em Portugal.

ratório de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, sob a sua direcção.

Marck Athias, que estudou Medicina em Paris, onde trabalhou no laboratório de Mathias Duval, está na origem da fundação do Laboratório de Histologia de Lisboa, o primeiro laboratório médico em Portugal inteiramente dedicado à investigação experimental, criado em 1898 no Hospital de Rilhafoles por iniciativa de Miguel Bombarda. É aqui que nasce o embrião da Escola Portuguesa de Histologia, que, além de Athias, reunirá mais tarde outras personalidades proeminentes da investigação histológica, como Augusto Celestino da Costa em Lisboa, a partir de 1911, e Abel Salazar no Porto, a partir de 1918.

Angiografia cerebral

«Naquela hora inesquecível, nessa tarde de 28 de Junho de 1927, todas as atenções se concentravam no exame da primeira arteriografia. E recordávamos com satisfação o trabalho dispendido, no alheamento de qualquer outra actividade mental: a condensação do pensar constante na realização de um programa pré-estabelecido que acabávamos de conseguir. No filme viam-se os vasos cerebrais, mas deformados, devido à presença do tumor. A carótida interna estava projectada para a frente, desfeito o sifão, tão nitidamente marcado nas artérias cadavéricas normais, o grupo sílvico deslocado na origem para a parte superior, mas podendo seguir-se, no seu percurso, as artérias que o constituem. Também as arté-



A história da angiografia cerebral de Egas Moniz na exposição 'Passagens. 100 peças para o Museu de Medicina' no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, em 2005 (Foto: Nina Szielasko).

rias cerebrais frontais, da parte externa do hemisfério, estavam bastante visíveis.»⁵ Estas são as palavras de Egas Moniz na descrição do momento inaugural de uma das invenções mais importantes da história da imagiologia, que inaugura também uma das mais profícuas escolas de investigação, a Escola Portuguesa de Angiografia.

A angiografia cerebral irá tornar-se uma técnica imprescindível para o diagnóstico, não só quanto à localização das lesões do sistema nervoso, mas também quanto à sua etiologia e fisiopatologia. Se na área do diagnóstico ela foi substituída pela tomografia axial e pela ressonância, técnicas não invasivas, no campo da radiologia de intervenção ela ainda hoje desempenha um papel importantíssimo.

Leucótomos de Egas Moniz

Em 1936, Egas Moniz inventou a leucotomia pré-frontal, a primeira técnica cirúrgica do mundo utilizada no tratamento de certas psicoses, que consiste em incisões que destroem as conexões entre a região pré-frontal e outras partes do crânio. A reflexão amadurecida que Egas Moniz fez sobre a função cerebral, a partir da descoberta do neurónio por Ramón y Cajal e dos estudos de experimentação animal de Goldstein, permitiu-lhe construir o modelo teórico

da leucotomia, concretizado pelo neurocirurgião Pedro Almeida Lima. A leucotomia é uma porta que se abre a um vasto campo de investigação — o das neurociências e da neurocultura contemporâneas —, que procura tornar mais inteligível o funcionamento do cérebro. Egas Moniz, discípulo de Miguel Bombarda, insere-se deste modo na escola positivista, que defendia a natureza orgânica das doenças mentais. A leucotomia foi praticada numa época em que a medicina era totalmente incapaz de responder satisfatoriamente à generalidade dos doentes psicóticos. O tratamento tornou-se rapidamente popular em todo o mundo, valendo-lhe o Prémio Nobel da Medicina em 1949 (partilhado com Walter Rudolf Hess).



Leucótomos. Instrumentos concebidos por Egas Moniz para a execução da leucotomia, técnica cuja invenção lhe valeu o prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina em 1949.

Os leucótomos aqui representados foram concebidos pelo próprio Egas Moniz. O leucótomo era introduzido na calote craniana através de um pequeno orifício, atingindo o centro oval do hemisfério até à profundidade marcada na cânula. A alça era então aberta, formando um arco. A rotação do instrumento cortava uma pequena esfera com um centímetro de diâmetro na substância branca. Este procedimento era repetido três vezes em cada hemisfério. Fechado o arco no próprio lugar, o cirurgião retirava a agulha sem lesar o córtex mais do que uma vulgar punção exploradora ou biópsia cerebral.

Bomba infusora utilizada por Reynaldo dos Santos



Bomba infusora para injeção de substância de contraste utilizada na aortografia por Reynaldo dos Santos (Foto: Nina Szielasko).

Em 1928, Reynaldo dos Santos (1880-1970) iniciou no Hospital de Arroios, em Lisboa, os trabalhos originais de arteriografia dos membros, que o conduziram à invenção, em 1929, da aortografia, a primeira visualização radiográfica da circulação abdominal no ser vivo. A invenção da aortografia permitiu a Reynaldo dos Santos desenvolver um trabalho de mais de vinte anos sobre a circulação, que culminou com a introdução, em 1939, do «conceito de via arterial na semiologia e na terapêutica»⁶, conceito que abriu o caminho para tudo o que hoje se faz através das artérias (introdução de drogas, instrumentos, etc.).

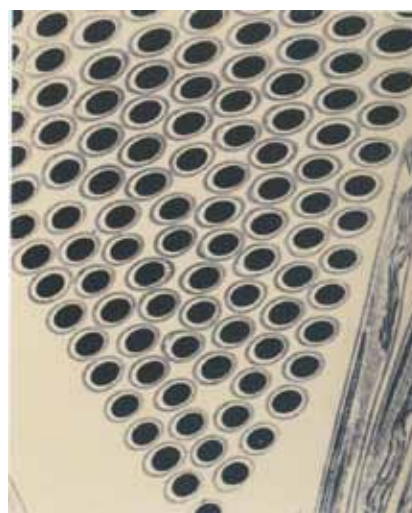
A bomba infusora aqui representada, fabricada na Casa Gentile (Paris), foi utilizada por Reynaldo dos Santos para introduzir o contraste radiográfico directamente na aorta. É constituída por um depósito de ar comprimido que se liga a um tubo em vidro que contém o líquido de contraste para os raios X. Na parte inferior deste tubo vê-se um manómetro, destinado a monitorizar a pressão da injeção do contraste, de modo a evitar o refluxo.

Célula granulosa de ratinho em cultura



Microfotografia electrónica de célula granulosa de ratinho em cultura feita por David Ferreira.

Microfotografia electrónica de um corte ultrafino de testículo de insecto



Microfotografia electrónica de corte ultrafino de testículo de insecto feita por David Ferreira.

Microscópio electrónico



Primeiro microscópio electrónico em Portugal (década de 1950), oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian à Faculdade de Medicina, um RCA da série EMU 3 que permite observações directas com ampliações de 1.400 a 30.000 x e ampliações fotográficas de 200.000 x (Foto: Nina Szielasko).

O apoio mecenático da Fundação Calouste Gulbenkian nas áreas da investigação científica e da saúde foi fulcral para o seu desenvolvimento no nosso país. O apoio dado à Faculdade de Medicina começou muito cedo. Logo em 1958, dois anos após a aprovação dos estatutos da Fundação, era inaugurado o Laboratório de Microscopia Electrónica Calouste Gulbenkian, no Centro de Estudos Histológicos Augusto Celestino da Costa. Este apoio assinala o início da actividade mecenática da Fundação. Nas três imagens antecedentes pode ver-se o primeiro microscópio electrónico em Portugal, oferecido pela Fundação, bem como duas microfotografias de material biológico obtidas através deste equipamento.

Ilustração da técnica da endarterectomia

O desenho que se segue reproduz as três fases de uma endarterectomia, técnica de desobstrução arterial desenvolvida por João Cid dos Santos (1907-1975): dissecação e remoção do processo oclusivo através da criação

de um plano de clivagem na espessura da parede arterial (túnica média); desobstrução completa da artéria; encerramento da artéria, de modo a permitir o restabelecimento da circulação, através de uma sutura simples.

João Cid dos Santos, que já tinha inscrito o seu nome na história da imagiologia com a invenção da



Desenho de Olga Bragança descrevendo a técnica da endarterectomia, inventada por João Cid dos Santos.

flebografia, revolucionou em 1947 a cirurgia vascular, ao inventar a endarterectomia, técnica que lhe permitiu, pela primeira vez no mundo, desobstruir uma artéria femoral superficial ocluída.

Columbano e a Escola Médica

Columbano Bordalo Pinheiro foi sobretudo um pintor-retratista, porque foi através do retrato que ele desenvolveu uma estética própria, «atemporalizada, desdenhosa do naturalismo e do impressionismo, como depois de todos os outros modernismos, tenuemente articulada por um dos paradigmas do retrato europeu, dos mestres seiscentistas flamengos aos tenebristas espanhóis.»⁷ A Escola Médico-Cirúrgica entra na biografia de Columbano quando, entre 1906 e 1907, este pinta quatro magníficos painéis que retratam 20 dos mais notáveis médicos professores da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa — Carlos Bello de Moraes, Moreira Júnior, Carlos Tavares, Alfredo da Costa, Custódio Cabeça, Bettencourt Raposo, Augusto Vasconcelos, Jaime Salazar de Sousa, José Gentil, Francisco Gentil, Miguel Bombarda, Silva Amado, Curry Cabral, Bettencourt Pitta, J. Ferraz de Macedo, Eduardo Mota, May Figueira, Sabino Coelho, Ricar-



Pintura a óleo de Columbano Bordalo Pinheiro, *Lentes da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa: Eduardo Mota, May Figueira, Sabino Coelho, Ricardo Jorge e Oliveira Feijão*, 1907.

do Jorge e Oliveira Feijão —, uma encomenda para o edifício da Escola Médico-Cirúrgica, no Campo de Santana. Actualmente estas pinturas decoram as salas do Conselho Directivo da Faculdade.

Nestes sumptuosos retratos de grupo, o principal elemento iconográfico é o livro, como muito bem assinala Maria Helena de Freitas: «Não terá sido certamente por acaso que Columbano prefere a sistemática presença do livro nas mãos dalguns destes médicos, à representação de outros mais explícitos instrumentos de medicina. O livro enquanto ensino e divulgação, mas também como objecto mais amplo de cultura. A estes retratos o pintor nada acrescenta ao que habitualmente utiliza para a caracterização usual dos seus amigos e companheiros de geração, reforçando na (sua e) nossa consciência a já anti-

ga ligação da classe médica aos intelectuais e às artes plásticas.»⁸ Acrescentaria que, neste caso, o livro também simboliza a ausência de investigação laboratorial própria que caracterizava o ensino da Escola Médico-Cirúrgica, assente na transmissão 'livresca' do saber, o que revela a pertinência do artista no seu subtil modo de representar não só as características fisionómicas individuais mas também as modalidades do saber que identificam um grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O elevado número de peças das colecções do Museu de Medicina, muitas delas histórica e culturalmente relevantes, e a sua dispersão por várias unidades

onde não existem quaisquer condições museológicas, torna urgente a criação de um espaço próprio, mesmo que provisório, destinado à sua salvaguarda, conservação, estudo e exposição pública, uma das principais propostas do seu projecto fundacional. Contudo, e apesar das limitações existentes, o Museu de Medicina iniciou e prosseguirá a tarefa de inventário e organização das suas colecções, de forma a melhorar a sua acessibilidade não só aos estudiosos, como ao público em geral, nomeadamente através de exposições, edições e projectos de investigação em articulação com outras faculdades, departamentos universitários, museus e instituições públicas e privadas ligadas ao ensino, à investigação e à cultura. Continuará igualmente a promover o ensino pré-graduado da História da Medicina e do Pensamento Médico em moldes inovadores do ponto de vista pedagógico, como tem feito até agora. Finalmente, pro-

curará desenvolver e reforçar parcerias estratégicas com a comunidade, criando uma rede de trabalho que alargue o seu espaço de intervenção cultural e de produção de conhecimento à escala nacional e internacional, assumindo os novos desafios globais da Universidade, isto é, tornar mais consistentes as ligações da rede social, ligando a tradição à inovação, o local ao universal, o simples ao complexo, a ciência à arte.

Os museus exprimem o sentimento identitário relacional e histórico mais profundo das comunidades. Preservar, estudar e divulgar o património cultural destas, tornando-o simultaneamente objecto de fruição e de conhecimento, é a razão de ser dos museus. Só conhecendo o passado se pode pensar o futuro, dar-lhe um rumo, um sentido, uma projecção.

Notas

- 1 http://www.todayinsci.com/O/Osler_William/OslerWilliam-Quotations.htm
- 2 M. V. Alves, 'O Museu de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa', in *Circulação* (ed. M. V. Alves, A. Barbosa), Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004, 16.
- 3 M. V. Alves, 'O Museu de Medicina e a exposição «Passagens»', in *Passagens* (ed. M. V. Alves), Museu de Medicina FMUL/Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 2005, 19.
- 4 M. V. Alves, 'O projecto Museu de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa', *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa* (2005), **3**, 155.
- 5 E. Moniz, *Confidências de Um Investigador Científico*, Edições Ática, Lisboa, 1949.
- 6 J. C. da Costa, 'A irreprimível vitalidade de Reynaldo dos Santos', in *1911-1999. O Ensino Médico em Lisboa no Início do Século. Sete Artistas Contemporâneos Evocam a Geração Médica de 1911* (ed. M. V. Alves), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999, 139.
- 7 J.-A. França, 'Columbano Antero Columbano', in *O Impulso Alegórico — Retratos, Paisagens, Naturezas-Mortas* (dir. M. V. Alves), Ordem dos Médicos, Lisboa, 1998, 354.
- 8 H. de Freitas, 'O corpo e a alma', in *1911-1999. O Ensino Médico em Lisboa no Início do Século. Sete Artistas Contemporâneos Evocam a Geração Médica de 1911* (ed. M. V. Alves), 168.